ANO I. Lisboa—Sexta-feira, 4 de Janeiro de 1918 N.º 267

pola:ceir:e pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João R. Santos

Telefone: C. 1935

GERMANOFILOS

Quando os marciais barões da Germania, depois de trasbordarem pela Russia, desceram a invadir o occidente europeu, logo em todos os paizes se extremaram os dois campos nitidamente opostos dos partidarios da *Triple Entente* e dos parciais da Alemanha e seus aliados.

Na Grécia como na Espanha, na Suiça como nos paises setentrionais, nas demais nações da Europa como na América, em toda a parte, enfim, onde por existirem duas pessoas pudesse haver duas opiniões diferentes, surgiram os defensores ou detractores deste ou daquele grupo de beligerantes, criando por vezes serios embaraços aos governos esforçados em manter a neutralidade. Houve conflictos, sangue derramado, polémicas nos jornais, *meetings* e conferencias, todos os sintomas das graves convulsões de ideias, das grandes e arrastadoras paixões sociais. De tudo isto está sendo a Suiça um exemplo actual e eloquente.

Mas não só em paises por natureza ou por conveniencia alheios á Guerra de hoje, se fizeram sentir os grandes movimentos de opinião publica caracterizados de francofilismo ou germanofilismo. Foi assim que nós vimos em paises como a Italia, ligada á Alemanha e á Austria pela letra expressa dos tratados, deglaciarem-se os dois grupos antagónicos com manifesto menosprezo da honra nacional, chegando á situação ultima duma guerra contraria ao direito e contraria ainda e tambem (num futuro proximo o saberemos ao certo) aos proprios interesses italianos.

A França, a propria França directamente envolvida na contenda, empenhada numa lucta que devia ser de morte com a nação expoliadora do seu patrimonio nacional, encontra ainda em si a força necessaria para distrair da lucta e empregar em louvor do inimigo. Em pais nenhum se procurou imitar como na França tudo o que a Alemanha tinha de originariamente defeituoso, desde que o individualismo germanico (aliás tão sàbiamente corrigido na Alemanha moderna) encontrou quem o traduzisse para francês naquela versão admiravel e abominavel dos *Direitos do Homem* e em todas as teorias que promanam da Revolução; país nenhum se germanizou como a França. E' á Alemanha que a França deve a terceira republica e toda a vasta herança democratica que de longe vem. Por isso, não deve espantar-nos que a França albergue tantos admiradores da sua rival de Alem-Reno, especialmente entre os partidos avançados que, legitimamente, créem descender do individualismo germanico.

Nos escandalos que em França se descobrem diariamente devido á persistencia inegualavel e corajosa de *Léon Daudet*, ou ao misterioso acaso traidor dos criminosos (e nunca ao patriotismo e á pericia dos governantes) ha realmente muito de espirito aventureiro de negocios dubios, ha imenso de ambição insaciavel de grandes lucros, mas acima de tudo o que determina essa galeria de criminosos celebres que vem de *Caillaux-Malvy* até *Lenoir-Desouches* é o germanofilismo maçónico logicamente prepagandeado pelos sem-patria da maçonaria inter-nacional, defensores da fraternização da humanidade pelo desarmamento geral e pela abolição das fronteiras.

Dos partidos da estrema esquerda e da maçonaria que os abrange, a todos e os irmana no mesmo ideal criminoso de internacionalização, teem saído em toda a parte, e nomeadamente na França, os traidores á causa sagrada da Terra e do Lar, do Sangue e dos Antepassados.

Nunca até hoje (desafio quem quer que seja a prova-lo) um monarquico traiu a causa sagrada da Patria; começando pelos membros da Familia Real no exilio que se ofereceram para combater o inimigo, até aos misticos e heroicos cruzados de *L'Action Française* que, confundindo o misticismo do amor de Deus e o misticismo do amor da Patria, dão a vida alegremente pela Cruz, pela Terra e pelo Rei, toda a França catolica, monarquica, conservadora tem cumprido galhardamente o dever de preparar o engrandecimento futuro sacrificando-se á furia do inimigo externo para expiar, num holocausto impressionante de sinceridade e de magestade, os crimes que a joldo sinistra da Revolução perpetrou contra a Patria, nas pessoas sagradas dum Rei e duma Rainha cujo crime unico era representarem a ordem tradicional onde campeava infrene a desordem e consubstanciarem a unidade nacional onde germinava a traição e referviam as ambições de dentro e de fora.

Os mais irreductiveis inimigos do nacionalismo francês fazem justiça áqueles que o defendem pela propaganda e pelo exemplo: ha pouco tempo, quando o governo frances chefiado por *Painlevé*, de acção maçonica e dissolvente, lançava miseravelmente sobre *L'Action Française* suspeição tão infundada quanto infame — cuja falsidade o breve encerramento do processo estabelecido, eloquentemente demonstra—um jornal radical, percebendo a torpeza dos fins de *Painlevé*—distrair a opinião publica dos escandalos da burguesia republicana, maçonica e traidora, e fazer calar os seus acusadores — achava perigoso e comprometedor o acto do governo, desde que ele não conseguisse provar as acusações tão imprudentemente formuladas contra o diario nacionalista em que Daudet tem posto a nú a carcassa da conspiração maçonica contra a Patria. Todos sabem como os factos deram razão aos escrupulosos reparos da folha republicana.

E tudo isto vem para provar que, lá fora, onde está um maçon, onde está um avançado, onde está um radical está, logicamente, um traidor á Patria. Propositadamente, para não alongar muito estas considerações, Eu esqueço agora os socialistas ingleses e franceses que tanto se esforçaram por ir a Stockelmo apertar a mão dos camaradas alemães; passo em claro o que uma intrigante facção italiana tem conspirado contra a nova situação inter-nacional do seu país, malquistando-o com os seus aliados e contrariando a guerra; e, acima de tudo, fecho os olhos para não ver esse crime hediondo da pseudo-civilização democratica que se vai desenrolando na Russia, depois de concebido em cerebros obsecados pelo traidor desvairo da propaganda alemã.

Nem tantos elementos são precisos para que fique indubitavelmente demonstrado que, em todos os paises em guerra com a Alemanha, são os mais democratizados os que mais facilmente sertem de preza á propaganda germanofila, servindo criminosamente os fins da Alemanha e que em todos esses paises são ainda as facções mais democraticas, mais avançadas, que se prestam a servir os fins do inimigo.

Pois ha um país em que tal vão sucede... segundo a estupida e mentirosa crónica da jacobinagem das gazetas:—é Portugal.

Entrando na guerra para tomar e guardar pomposamente esse tesouro inextimavel que se chama Quionga, unico fim da guerra conhecido entre nós, áparte o restabelecimento (?) duns principios que nem de vista conhecemos e a que dão os nomes de Liberdade, Direito e Justiça, nós, que somos indignos de ler o mais insignificante documento diplomatico que diga respeito á nossa entrada na guerra, contrariamente ao que sucede em todas as outras nações em que eles têm sido publicados profusamente para elucidação dos povos, não temos o direito, já não direi de ser contrarios, mas de discutir, pelo menos, uma participação na guerra cujas condições de entrada e compensações provaveis não podemos avaliar.

Exercer em Portugal esse nobre direito de reivindicação, de discussão, de análise é, para uma minoria atrevida de desclassificados morais e intelectuais, ser germanofilo e traidor á Patria.

São portugueses, *ideais* politicos á parte, todos aqueles que querem conhecer bem intimamente as negociações diplomaticas donde resultou a partida para França da nossa gente. São portuguezes, portuguezes de lei, portuguezes tão portuguezes como aqueles que melhor sabem cumprir o seu dever, os que exigem o conhecimento das vantagens que nos advirão da guerra, não segundo relatorios inexpressivos de governos partidarios, mas segundo a correspondencia trocada entre as chancelarias, notasle outros documentos que achamos natural que possma afrontar a luz do dia.

Mas como em Portugal, por infelicidade, por fatalismo historico, ou como queiram chamar-lhe, a grande massa conservadora da nação, a maioria enorme que quasi atinge a totalidade, se encontra neste momento afastada da função governativa, ou melhor dizendo, divorciada completamente dos governantes, cabendo-lhe portanto o papel de fiscalizadora dum governo de transição revolucionariamente constituido em oposição aos mais sagrados interesses da raça e ao instinto de conservação natural numa colectividade; como cabe aos monarquicos, que ainda ha pouco provaram ser Portugal inteiro excepcionando uma reduzidissima minoria mais reles ainda pela qualidade do que pela quantidade, o fazerem a oposição que a nação inteira reclama aos desatinos, á impotencia, ao desvairamento dos governos republicanos (aceitando no entanto a guerra como um facto consumado e não a estorvando, segundo as ordens do unico Chefe Legitimo da Nação Portuguêsa, ao qual todos devem respeito e acatamento); como cabe aos monarquicos, repito, essa tarefa pesadissima e delicada de patriotismo e abnegação, logo surgem dos lodaçais maçonicos e judengos que alimentam de figuras tragicamente obscenas o palco indecoroso da democratica republica portuguêsa, os acusadores de cordel que, com os pés e com as mãos mas sem juizo, querem fazer a prova tão tremenda quanto impossivel de que os monarquicos portugueses traem a sua patria, vendidos ao ouro inimigo, quando o que eles pretendem é que o governo cumpra um dever do mais elementar bom-senso, donde resultará a pacificação dos portuguêses pela *unido consciente* em volta do estandarte da guerra.

Famintos de ouro, oh homens das negociatas torpes e escabrosas, oh homens dos celebres *sindicatos de fornecimento*, oh acambarcadores que numa hora fazeis fortuna com o concurso criminoso dos poderes publicos, ainda um dia ha de provar-se quem **tudo** negociou na ambição desmesurada e sem escrupulos de fazer fortuna, de reduzir **tudo** a dinheiro!

De resto, se expuzermos simplesmente o problema, sem comentarios, sem prejuizos de qualquer especie, não haverá possibilidade de atribuir-lhe duas soluções:—dum lado os monarquicos querendo a sua Patria, pela exaltação do principio nacionalista, livre por completo de influencias estranhas, mantendo a sua independencia continuadora duma larga tradição no cumprimento duma missão que não pode interromper-se, visando um destino que seja sempre o desenvolvimento dum prestigioso passado historico;—do outro lado os republicanos, isolados no espaço e no tempo, sem raizes tradicionais, filhos de teorias vagas de filosofos vagos e teoricos, defendendo, no presente, um regimen que eles proprios confessam ser de transição para um estadio futuro da sociedade, em que as fronteiras desapareçam, em que as nacionalidades se subvertam para que surja limpida e imaculada a Republica Universal.

Posto isto, senhores, eu pergunto nos que me lerem, qual dos dois regimens é melhor terreno para germinar a traição á Patria:—se aquele em que a Nação é encarada como um patrimonio herdado que havemos de transmitir engrandecido aos que depois de nós vierem—ou se aquele outro em que a Nação é considerada uma forma transitoria e imperfeita tendendo para a perfeição ideal do aniquilamento, para o qual todos devem contribuir no supremo interesse da Humanidade.

Feita esta pergunta, estabelecido assim o problema, uma unica solução se apresenta; e essa é comprovada pelo exemplo com uma eloquencia, com uma pertinacia que me permito achar demasiada.

Eis porque em Portugal não ha, como não ha em parte alguma, monarquicos traidores á causa da Patria.

Monarquico quere dizer nacionalista, como republicano quere dizer desnacionalizado. Um monarquico trabalha pela causa sagrada da sua Patria, exclusivamente, como um republicano deve lutar pela patria da humanidade inteira, pelo ideal maçonico da inter-nacionalização. Qual dos dois serve *os seus fins*, traindo a terra em que nasceu?

Portanto, o combate, respeitante á guerra, que os monarquicos portugueses teem dado aos republicanos, que aqui se instalaram com armas e bagagens e que hão de sair custe o que custar sem bagagens e sem armas, não pode representar uma traição a Portugal envolvido na guerra de hoje, mas apenas um dos aspectos, o mais melindroso talvez, da grande punga que de ha sete anos se vem desenrolando entre as duas raças em que se dividiu (como foi brilhantemente provado neste jornal) a outrora tão unida e forte familia lusitana.

Os monarquicos que são o país inteiro querem saber como, porque e para que entramos na guerra; querem que o país conheça os escandalos que se ocultam sob a bandeira da guerra para que justiça seja feita aos criminosos; querem que todos compram igualmente os seus deveres militares, sem atenção á proverbial cobardia democratica, combatendo o inimigo e afrontando o perigo.

E é isto o que todos os bons portugueses devem querer.

Ser germanofilo por admiração pela energia e pelas qualidades do povo alemão, por culto pela sciencia, pela arte, pela organização alemã é um fenomeno atipico que nos não indica tratar-se dum monarquico ou dum republicano; mas trair a Patria para servir a Alemanha, e quem diz a Alemanha diz qualquer outro inimigo ocasional, eis um facto que nos revela iniludivelmente uma mentalidade republicana.

G. de Ayala Monteiro.

EX-LIBRIS

Tomei as cinco chagas para emblema:
Pois trago ao meu peito as cinco chagas,
E molho a ponta fina das adagas,
No meu sangue, ao compor este poema!

Vida, passa por mim! jamais apagas,
A minha voz olimpica e suprema!
Que para a Dôr não ha nenhuma algema,
Quer cante em verso, ou se revolte em pragas!

Numa tarde em Judeia os fariseus,
A um dôce rabi filho de Deus,
Pregaram numa cruz por ser o Eleito.

Então, fecheu-se a noite na montanha,
E as cinco chagas dessa tarde extranha
Abrem hoje vermelhas no meu peito!

Americo Durão.

NOTA POLITICA

Sempre infeliz o senhor Mayer Garção? Já sabiamos que a sua inteligencia era do tipo mais rudimentar e ficamos agora sabendo que é mais rudimentar ainda a sua psicologia. A prova temo-la no artigo de *A Manhã*, que melodramaticamente intitulou de *Perigo monarquico*. Deu-me um saboroso prazer a leitura desse trecho de prosa que, desde que ha republica, aparecem sempre á flôr da pena de quantos representam de convencidos na grande mentira dos Imortais Principios. Redita-se a aria mais uma vez debaixo do nome do senhor Mayer Garção. Vem com todas a tintas poeticas do vate, seu ilustre avô, e mais com aquela que o senhor Mayer Garção adquiriu logo á nascença por causa de uma romanticite aguda que os especialistas diagnosticam de congénita e incuravel.

Na falencia aberta do partido a que pertence, procura o jornalista da *Manhã* desviar a atenção do país dos escandalos crescentes que o vão reduzindo o afonsismo á categoria de simples pilhantes dos dinheiros nacionais. Para isso empenha-se em denunciar os monarquicos como fautores da guerra civil, criminosamente anciosos de divisões fratricidas da Patria. E fá-lo naquele furor de declamação com que já o seu egregio antepassado maldizia a dureza do principe troiano perante os rogos e as lagrimas de Dido dispondo-se para o banquete das chamas. Comovemo-nos com a leitura da peça admiravel. E se os olhos se nos humedecera um pouco, não foi tanto pela existencia em risco da republica, como pela sanidade de espirito do senhor Mayer Garção.

Não creia, para sossego dos seus nervos e comodidade dos seus interesses, senhor Mayer Garção, que os monarquicos pensam neste momento em restaurar a Monarquia! A republica criou uma situação internacional que só a ela compete resolver. O que nós exigimos, exigimo-lo não como monarquicos, mas como portuguêses, embora as duas palavras correspondam com exactiuão. Cidadãos de um país a cujos destinos os nossos destinos se ligam, não nos cabera por acaso o direito de conhecermos como são administrados os nossos dinheiros, dirigidos os nossos interesses?

Acusando-nos de cultivar a discordia, no simplismo da sua inteligencia, o senhor Garção é quem a prega e quem a semeia. Desde que nos aponta como inimigos declarados e perigosos, a que conclusão nos obriga o senhor em nome da logica? Não é o seu sectarismo sem linha nem grandeza que nos coloca do outro lado da barricada, como se não fosse nossa a Patria que durou quasi oito seculos por mercê das verdades religiosas e politicas que defendemos, enquanto em menos de oito anos quasi a desfizeram as ideologias sem eira nem beira de que o senhor é uma tara e talvez sincera sobrevivencia? Concordemos que não é saudavel nos seus raciocinios a mentalidade que o jornalista de *A Manhã* tão condignamente representa.

Mas o que é mais interessante é que o senhor Mayer Garção, neto afamado duma cantata afamada, se deu a fonografo desageitado de quantas outras cantatas passaram já ha muito de moda. Imagine-se que, para encher de foros de alta intelectualidade a sua jeremiada sobre Jerusalem em ruinas, o senhor Garção se socorre de Gambetta, na sua conhecida frase: *Le cléricalisme, voilà l'ennemi!* Trada-lo o intelectual da nossa republica, apelicando-a ao perigo monarquico. Sempre germanofilo o senhor Garção!

Nas suas simpatias pela Reforma e na inteira adesão que lhe merecem as fantasias anti-sociaes de Rousseau, o processo do senhor Mayer Garção como propagandista das idéas alemãs, já ficou instruido e concluso pelo nosso camarada Armando da Silva. Pois bem! Mais um elemento de prova se nos faculta e é o senhor Mayer Garção quem o faculta expontaneamente. Tanto pode, não sabemos bem se a sua honestidade, se a sua ignorancia. Optamos pela segunda, para atenuar um pouco o rigor da sentença. E então, de palmatoria erguida, ensinemos ao senhor Garção que foi Bismarck, para afastar a França da aspiração sagrada de desforra e impossibilitar com vantagem a sua recomposição nacional, quem, depois de impedir a restauração da monarquia legitima com o conde de Chambord, aconselhou a Gambetta o radicalismo da sua politica furiosamente anti-religiosa.

Pasma? Pois se não acredita leia M.me Adam, a grande patriota francêsa, recentemente convertida ao Catolicismo, e em cujo salão decorreram os primeiros avanços politicos Gambetta.

Já vêem os nossos leitores que, utilisando a divisa de Gambetta, que no seu facciosismo de maçon não adivinhava os intuitos que se disfarçavam detrás das sugestões de Bismarck, o sr. Mayer Garção continúa a ser reu impenitente do mais impenitente germanofilismo. A ser, —não é bem se-lo-ia,—é melhor—, se a doença de que sofre o não iresponsabilisasse bastante.

Mas uma outra lição se tira das palavras do senhor Mayer Garção. Não a despresemos, por verdadeira.

Marcel Lembat,—o insuspeito Marcel Sembat, definiu os regimes republicanos como aqueles que tendem a substituir ás lutas exteriores de expansão, que é como quem diz de engrandecimento, as lutas internas dos partidos. Não se precisa de mais nada para se condenar, sem apelo se em ultima instancia, a Democracia. Condena-a um socialista, que creio ainda nela. Condena-a a experiencia da Russia que foi dentro da grande experiencia dum sonho inteiro uma segunda experiencia, mais rapida, mais terminante. Ora é este o espirito que se desprende de toda a homilia,—salvo o respeito ás coisas da Igreja—, do senhor Mayer. Para a sua penna, tão ingenua como comprometedora, Portugal é só dos republicanos; e porque é só dos republicanos, só a eles pertence deputa-lo e devora-lo. Muito bem, senhor Garção! Continue assim, que dentro em breve o imporemos á gratidão do país como um dos maiores puladinos das virtudes reparadoras da Monarquia.

A. S.

Americo Durão

Colabora hoje pela primeira vez no nosso jornal o poeta Americo Durão. Autor do *Vitral da minha dôr* e do *Poema da Humildade*, elé é uma das mais ricas sensibilidades literarias da nova geração. Um grande futuro o espera, com o seu nome de moço a cobrir-se de grande gloria. Brevemente, apreciando o seu *Poema de Humildade*, lhe prestaremos a homenagem devida. Hoje é só para chamar a atenção dos nossos leitores para o belissimo soneto que em outro logar publicamos.

«Primeiro de Janeiro»

Completou mais um ano de existencia este nosso prezado colega. Apresentamos-lhe os nossos calorosos cumprimentos, cheios dos maiores desejos de prosperidade e longa vida.

Leote do Rego, talassa

Muito embora o *Mundo* o tivesse elogiado com delirio, e mais tarde, quando estiver morto, os animaculos do *Registo Civil* encaminhem os seus passos e a sua insolencia para o coval de qualquer cemiterio, o sr. Leote do Rego será sempre considerado pelos homens de hoje, e pela geração nova de ámanhã, como o mais caracteristico e autentico *talassa*, que a inconsciencia e a ignorancia do nosso tempo e da nossa democracia creou e atirou ao mundo.

O sr. Leote do Rego não é republicano, nem democratico hoje, como ontem, no tempo da monarquia, não foi franquista nem monarquico.

O que o sr. Leote do Rego foi sempre, ontem e hoje, foi simplesmente *talassa*.

E' escusado virem com argumentos, por melhor arquitectados que sejam, com cantatas por melhor rimadas que o sr. Mayer construa, como tambem são escusadas as abjectivações pomposas, ou as insolencias violentas, para refutarem a minha afirmação, considerando o sr. Leote do Rego republicano democratico.

O sr. Leote do Rego foi sempre talassa. Comigo, com as minhas palavras e a minha afirmação que nada tem de temeraria, muita gente, toda a gente que sabe ver e sempre soube ver e colocar no seu devido logar todos os *patriotas* e todos os *arrivistas*, pensa como eu, e como eu sabe que o sr. Leote do Rego foi sempre aquilo que devia ser na monarquia e na republica: o mais curioso talassa de todos os tempos.

Leote do Rego é um autentico *talassa*. Os seus discursos, a sua vida politica e militar, as suas acções e a sua ambição desmedida e extravagante, embora criminosa, provaram sempre, á luz da verdade e aos olhos dos que vêem claro, que o valente marinheiro e o intrepido *patriota* não tem sido e não é mais do que um *talassa*.

Não é um elogio que eu teço á sua figura nutrida e baixa, nem á sua eloquencia que não possue, nem ao seu talente que nenhum Sherlok Holmes nacional, por mais arguto, é capaz de descobrir para honra de ambos:—do sr. Leote, que se engrandeceria, e do policia amador, que seria recompensado.

Os senhores sabem o que é um *talassa*. A democracia, durante sete anos, tem dado, no que diz respeito a *talassas*, as melhores e mais proveitosas lições.

O *talassa* não é monarquico nem é republicano, embora tenha mais afinidades e tendencias com o ideal democratico, principalmente no capitulo vampirico de *patriotismo remunerado*. O *talassa* é, justiça lhe seja feita, *talassa*.

E *talassa* é todo aquele que tem sempre no seu serviço, para garantia e equilibrio da bolsa, excelentes convicções que como certos excelentes dentes são de tirar e pôr. *Talassa* foi todo aquele que no tempo da monarquia bebujava as mãos de El-Rei e formulava um pedido de emprego publico, como *talassas* ainda o são hoje certos republicanos que vão para os comicios falar da Patria, e depois se encaminham para os ministerios, e fazem da administração publica uma administração particular...

O *talassa* é sempre um individuo delicado e obsequiador para o seu respectivo *Ventre*. Nele o *Ventre* (o fel a democracia que o condecorou com uma maiuscula), fala primeiro e mais alto. O que é a consciencia do *talassa*, perante a magestosa e insaciavel figura de Sua Ex.ª o *Ventre*?

—Uma coisa mesquinha, dispensavel, que se pode mercadejar ou empenhar numa hora dificil, quando com ela se não presentcia um amigo de influencia...

Videirinho, amigo e obsequiador do respeitavel e desmedido *Ventre*, o *talassa* é uma creatura de ponderação e precauções. Nunca se expõe a perigos, nem se bate, frente a frente, corpo a corpo, a peito descoberto, por uma ideia ou por um homem em quem esteja incarnada essa ideia que ou conduz os homens a uma melhor esfera, ou os desvaira com as suas mentiras.

O *talassa*, move-se, agita-se, trabalha, intriga, no silencio e na sombra. O seu poder, a sua acção estão na intriga. Quanto melhor fôr a intriga, maior será a sua força.

E é por isso que o *talassa* nunca conquista, assalta. E quando a sua presença é necessaria para desembaraçar certas *meadas* duvidosas, foge, e quando o seu braço é preciso para vir em defeza de certos *principios*, recua.

O sr. Leote do Rego, talassa autentico, recuou e fugiu com o 5 de Dezembro.

Recuou do Vasco da Gama para o Guadiana, porque se tratava de um caso de vida ou de morte, e fugiu para Gibraltar, porque se tratava de uma *meada* que era preciso pôr em termos.

Se não fosse *talassa* tinha ficado por cá, e não teria saído do Vasco da Gama.

O talassa de hoje, é sempre o talassa de ontem.

Miseraveis e inconscientes esperaram uma tarde por D. Carlos, ali, no Terreiro do Paço, e como quem espera um lobo e como quem mata uma fera, barbaramente, assassinaram o saudoso e desditoso Rei.

Leote do Rego, que já era *talassa* por esse tempo, chorou e indicou os pordes dos navios de guerra para morada vitalicia e ignominia eterna de todos os inimigos do trono, de todos os republicanos. Leote do Rego, *talassa*, chorou como *talassa*, e como *talassa* imprecou os republicanos.

Veiu a republica, com o 5 de outubro. E Leote do Rego, quiz prestar mais uma homenagem ao seu inseparavel e incomparavel amigo, sua ex.ª o *Ventre*:—fez-se republicano, isto é, continuou talassa.

Talassa ontem, *talassa* hoje, Leote do Rego fugiu para Gibraltar, para que o *Ventre* não sofresse nenhuma perturbação com os casos que o gabinete Sidonio Paes, desapiedadamente, anda revelando. O *Ventre* falou e aconselhou a fuga, e a consciencia ouviu e acatou as ordens.

Como legitimo *talassa* que é, Leote do Rego tinha de fugir. Tinha de fugir e escrever aquele requerimento para que o ministerio da marinha lhe concedesse uma licença e o reintegrasse no seu lugar, não com as honras que de nada valem para ele, mas com os vencimentos que para alguma coisa haviam de chegar.

Ontem e hoje, na monarquia e na republica, nas lagrimas que chorou por D. Carlos e na fuga para Gibraltar, e no requerimento de ha dias, Leote do Rego, foi sempre e continua a ser, como o será ainda hoje o *talassa* mais autentico e incomparavel, que uma falta de caracter e convicção forte—atirou para aqui, para a história e para os olhos de todos!...

R. de Betencourt.

Duas palavras

Anuncia-se uma modificação nas ultimas medidas, restritivas de liberdade de imprensa. Não aplaudimos, nem discordamos. E não aplaudimos nem discordamos, porque nos desinteressamos simplesmente. A Imprensa como classe não existe entre nós. Prova-o o caso recente de *O Liberal*. Provam-no as incitações criminosas de que tantas vezes foram vitimas os jornaes monarquicos. Não ha muito ainda que *A Republica* nos denunciava ao governo transacto, unicamente porque mantinhamos com desassombro a nossa solidariedade de jornalistas para com colegas muitos queridos que uma violencia sem nome impurrara para alem das fronteiras. Em face disto, que attitude a nossa?

A attitude que naturalmente se nos impõe,—não aplaudir nem contrariar. Cada um faz a sua vida e vai ao seu caminho. A Imprensa é entre nós,—e sempre assim o foi—, ou um emprego vantajoso de cattal, ou o orgão nem sempre digno dum grupo ansioso de poder e de lucro. Nada mais! Nós não acreditamos na alta missão que se lhe confere, acusando-o até, dum modo geral, da maior responsavel na desorientação publica ha coisa dum seculo para cá. No entanto, manifestação que é duma determinada actividade, os seus males corrigir-se-iam se se organizasse corporativamente, se se sindicasse. Não seria assim nem a escrava dos capitalistas, nem a prostituida dos politicos. O individualismo democratico que tudo corroe e desfibra não o permite infelizmente. Nestas condições, aceitamos as contigencias da situação que a si propria a Imprensa se criou, lembrando a velha divisa mortuaria :—*Hoje por mim, ámanhã por ti!*

Lieder portugueses

No proximo dia 10 realiza-se na Liga Naval um recital de *lieder* portugueses, de que são auctores Afonso Lopes Vieira e Ruy Coelho. Magnifica novidade para a nossa Arte, pois que a grande Arte do *lied* não tem sido cultivada entre nós, essas poesias musicadas devem aparecer á venda na propria noite do concerto, numa primorosa edição. Afonso Lopes Vieira fará a apresentação da obra, falando do *lied* e da nacionalização desta maravilhosa forma de Arte.

ECONOMIA NACIONAL

Imposto sobre o capital

No nosso penultimo artigo dissemos aqui que as classes trabalhadoras estão vendo de muito mau grado o espirito leve com que as classes ricas teem encarado a guerra. As estravagancias a que diariamente assistimos, que são indesculpaveis no actual momento, teem despertado o quasi rancor do proletariado que na Inglaterra chegou já a pedir claramente o lançamento de pesados encargos sobre os capitaes.

O pretendido *imposto sobre o capital* baseia-se, como dissemos, na suposição de que o capitalista, pelo simples motivo de ter dinheiro, se está enriquecendo á custa da guerra.

O problema foi largamente debatido em Inglaterra e é natural que cedo ou tarde se venha tambem a discutir em Portugal. Parece-nos pois util expôr aqui o que se passou a este respeito na Gran-Bretanha.

Uma agremiação operaria publicou em 14 de Novembro proximo passado um panfleto que depois foi apresentado ao *Chanceler do Tesouro* e no qual insistentemente se fazia notar que, se as coisas continuassem no pé em que se encontram, quando a paz se fizesse, a classe dos capitalistas, isto é, daqueles que recebem rendas ou juros, achar-se-hia, no seu conjunto, mais rica do que antes da guerra. Evidentemente que, a verificar-se este caso, tinhamos de reconhecer que esse aumento de fortuna provinha de *lucros não ganhos* (unearned income), lucros que seriam consequencia da guerra. E é claro, as classes operarias pensavam com toda a razão que isto seria um escandalo nacional.

Felizmente as afirmações do panfleto referido sofrem de um erro mais do que a parente. E se não vejamos.

As classes que vivem dos rendimentos dos seus capitaes recebem actualmente um lucro maior que é ainda elevado pelo juro que recebem dos varios emprestimos nacionais para os quaes subscreveram com o produto das suas economias. Mas, por outro lado, devido á elevação que os varios impostos tem sofrido e devido á alta dos preços, o rendimento liquido do